



Programa de Assessoria à Pastoral (Pp)

JONAS

Os ninivitas creram em Deus

Milton Schwantes

Mosaicos da **B**íblia

CEDI Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Av. Higienópolis, 983 - 01238 - São Paulo - SP • Fone: (011) 825-5544
Rua Santo Amaro, 129 - 22211 - Rio de Janeiro - RJ • Fone: (021) 224-6713

1

"Mosaicos da Bíblia" reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimentos do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Edição e Revisão: Milton Schwantes

Paulo Roberto Garcia

Jane Falconi F. Vaz

Digitação: Marcia Marisa Veloso

Capa: Marta Cerqueira L. Guerra

JONAS - "OS NINIVITAS CRERAM EM DEUS"

Milton Schwantes

Surpresas

Cada leitura de Jonas traz surpresas. Este livro assemelha-se a um poço. Quanto mais água você tira, mais aparece. É o segredo da fonte: Suas forças estão escondidas debaixo da terra. Por isso, ela é inesgotável. Quando você a "atinge" em sua superfície, retirando um balde, é como se a estivesse "provocando", a fazer jorrar mais água, boa, limpa, cristalina, fresquinha. Este é o jeito de Jonas, uma novela profética que não termina no último capítulo. "Provoca" para leituras sempre novas. Até irrita, em seu final, quando conclui perguntando: "E não hei de eu ter compaixão?"

Por certo, ainda não será desta vez que iremos esgotar este livro de Jonas. Não iremos desvendá-lo em seus derradeiros segredos, nem raspá-lo de todas as surpresas.

Pelo contrário, ao abrir este Jonas nos dispomos a surpresas, a descobrir facetas que nem sonhávamos que existissem. Enveredamos pelos trilhos da aventura profética. Vamos, pois, de surpresa em surpresa...

Os tempos clamavam por sobressaltos

E os tempos não eram para menos. Reclamavam por posturas surpreendentes.

Com Jonas estamos mais ou menos no ano 400 a.C. Tempos difíceis estes.

O Império Persa era senhor da situação. E o era há bem mais de século. Em 539 a.C, o imperador persa Ciro assumira o controle da Babilônia. Pouco mais tarde o Império se expandira até o Egito.

Enfim, incorporara todo o Oriente. E a Palestina estava decididamente incluída neste projeto de dominação internacional.

Os persas não eram tão brutais como seus antecessores, os assírios e os babilônios. De certo modo, "civilizaram" a dominação, admitindo algumas liberdades, em especial religiosas, a seus súditos. Ainda assim a exploração era implacável. O sistema provincial persa inclusive aperfeiçoou a arrecadação de tributos. Acelerou e aprofundou a exploração. A pobreza marcava as vidas: "Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo do rei" (Neemias 5.4).

O Templo estava restaurado. Fora reconstruído em 515 a.C., sob os auspícios persas. Jerusalém estava reedificada. A Lei de Moisés estava em pleno vigor. Neemias e Esdras haviam-no possibilitado, em torno de 450 a.C., ambos a serviço dos persas. Templo, Lei e Jerusalém estavam consolidados. Davam alguma identidade ao povo, mas simultaneamente o mantinham integrado e submisso ao poderio persa. Eram "facas de dois gumes" - garantiam a nacionalidade e, simultaneamente, não competiam com o imperialismo persa. Lógico, quando usada, esta "faca de dois gumes" acabavam por afirmar os interesses persas e os de seus aliados em Jerusalém.

De fato, era hora de surpresas. Pois, só estas poderiam romper com este acordo tácito entre Templo, Lei e Jerusalém, por um lado, e Império, por outro lado. Jonas entra nesta brecha. Aposta em novas perspectivas.

Em seu tempo, em torno do ano 400 a.C., outros também o faziam.

Penso no livro de Joel que poderia provir do mesmo ambiente. Em linguagem quase apocalíptica anuncia a irrupção do novo, do Espírito da liberdade para "escravos e escravas" (Joel 2,28 = 3,2).

Aponto para o livro de Rute. Nele, a alternativa não vem de Jerusalém, mas da roça e das mulheres. O Messias virá de Belém! Estará na tradição de uma estrangeira, Rute, mulher fora do âmbito da lei, do Templo, de Jerusalém!

E, em especial, a sabedoria. Jó levanta seu protesto desde o sofrimento do justo. Eclesiastes (Coélet) denuncia o trabalho vazio e alienado. Cantares canta do amor e da sensualidade, muito sem leis e sacralismos. Estas obras dos sábios são severas críticas aos que acreditavam-se tranquilos, porque estão acomodados a leis e sacrifícios, a dogmatismos e Templo.

Jonas insere-se nesta tradição crítica. É uma espécie de novela crítica que recorre à memória dos profetas, para atualizá-los ao contexto de 400 a.C, quando era hora para sobressaltos.

Seu jeito de contar

O livro apresenta seus conteúdos dentro de um estilo bastante apurado. O jeito de narrar é cuidadoso, é estudado. Enfim, é sábio.

Chama a atenção que, no início, temos uma exposição do problema (1,1-3). E, no final, os acontecimentos desembocam em perguntas (4,9-10). Quem assim conta, conhece seu ofício. Sabe contar.

O livro permite observações ainda mais pormenorizadas do estilo de seus autores. Víamos que 1,1-3 expõe o assunto. Faz às vezes de abertura. A ela segue o episódio no mar, a cena com os marinheiros, rica em detalhes e minúcias (1,4-16).

Em 2,1.11+3,1-3a, outra vez temos uma espécie de exposição. Com poucas palavras, o narrador conduz Jonas das entranhas do peixe até a grande cidade. Aí, em Nínive, novamente nos são apresentados detalhes e minúcias. Temos outra cena (3,3b-10), desta vez com o povo no palco.

Temos, pois, duas exposições que dão o cenário: 1,1-3 e 2,1.11+3,1-3a. A primeira conduz a nós, leitoras e leitores, ao navio, a segunda à grande cidade de Nínive. A estas exposições seguem cenas específicas: A primeira tem marinheiros como personagens principais (1,4-16), a segunda o povo da metrópole (3,3b-10).

Em 2,2-10 (Almeida 2,1-9), a exposição é interrompida por uma oração, feita por Jonas nas entranhas do peixe. Este salmo "retarda" a exposição. Não é acaso que muitos entendem haver sido a oração introduzida à narrativa, quando esta já estava concebida.

A última cena é diferente das anteriores (4,1-11). Não tem exposição.

De saída lança sua questão "Jonas desgostou-se extremamente e ficou irado" (4,1). Agora, este Jonas é personagem central, antes estivera no porão do navio, nas entranhas do peixe, nas ruas da grande cidade. Agora está no centro, cheio de desgosto e raiva. Percebemos logo: o capítulo 4 é um ponto alto.

O jeito do livro mostra que os sábios que o contavam conheciam seu ofício. Sabiam contar histórias, com arte, com surpresa.

Sem dúvida é importante ir percebendo estas e outras facetas da arte narrativa de Jonas. Mas não me parece que seja oportuno partir dela nas reuniões de estudo bíblico. A dificuldade principal, vejo na oração do capítulo 2. Será necessário tematizá-la a parte, num dos encontros. Por isso, recomendo seguir a orientação da "Bíblia de Jerusalém" e da "Bíblia na Linguagem de Hoje" que apresentam um título para cada capítulo, isto é, proponho quatro encontros de estudo bíblico. Em cada encontro, é enfocado um capítulo.

Isso não corresponde propriamente à arte narrativa do livro. Mas esta poderá ir sendo detectada durante as leituras e os trabalhos do círculo bíblico. Poder-se-ia concluir com pequenas observações sobre a beleza do texto.

"Foram então tomados por um grande temor para com o Senhor"

(capítulo 1)

O capítulo 1 o capítulo 3 têm ênfases semelhantes. Em ambos Jonas, o profeta, atua. Dá seu recado. Em 1,9 através de sua confissão: "Sou hebreu, e temo ao Senhor". E, em 3,4 através de sua ameaça: "Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida". Nos dois casos, Jonas é portador, é proclamador de relevantes conteúdos. Mas, a rigor, não os entende. Não sabe interpretá-los. Outros são os intérpretes: no capítulo 1 os marinheiros, no capítulo 3 o povo de Nínive.

Esse me parece ser o núcleo do capítulo 1: os **hermeneutas** (os explicadores) da profecia são os **marinheiros**:

Jonas conhece a "palavra do Senhor" (1,1). Sabe a quem dirigi-la: "à grande cidade de Nínive" (1,2). Identifica-se até como bom hebreu e teme a Deus (1,9). Até mesmo reconhece que a tempestade tem sua causa nele e em sua fuga (1,12). Sim, Jonas sabe das coisas. Mas faz tudo ao contrário.

Os marinheiros se viram como podem. Em meio ao perigo, "clamavam cada um a seu Deus" (1,5). E vão aliviando o navio de sua carga. Quando a sorte identifica Jonas como culpado, ficam "possuídos de grande temor" (1,10). Reconhecem a seriedade da situação, diante da qual Jonas dormia. Mas este seu "grande temor" não os leva à solução mais fácil. Jogar Jonas ao mar. Não, vão à luta contra as ondas, "esforçando-se por alcançar a terra" (1,13). Querem salvar a vida de Jonas, este fujão que põe a vida de todos em perigo. E quando, afinal, têm que aliviar sua carga também de Jonas, fazem-no pedindo perdão (1,14). diante da calmaria que se estabelece, se convertem. Passam a temer o Senhor, isto é, aderem ao Deus de Jonas. E até oferecem sacrifício. Fazem seus votos (1,16). Tornam-se hebreus (1,9)!

Os marinheiros mostram entender que o Deus do profeta é o que "fez o mar e a terra". Na luta pela sobrevivência, em meio à fúria do mar, passo a passo, captam a "palavra do Senhor". Eles se tornam o que Jonas deveria ser! Assumem ares de profetas!

Em torno de 400 a.C. (mas não só naqueles tempos), isso terá causado "tempestades". É possível que marinheiros - estes pagãos, estrangeiros, impuros e imorais - tornem-se hermenutas dos caminhos de Deus? Pode isso? Teria essa gente condições de temer ao Senhor? Seriam dignos de oferecer sacrifícios? As elites de Jerusalém, os senhores de Lei e Templo, terão desabado em "tempestade" e furor ao serem deparados com esta primeira cena de nosso livrinho. A indignação não terá sido pequena.

"Ao Senhor pertence a libertação"

(capítulo 2)

O capítulo 2 vai paralelo ao capítulo 4. No capítulo 2, Jonas fala desde "as entranhas do peixe" (2,2). No capítulo 4, argumenta sentado debaixo de uma "enramada" - uma cobertura de ramos de árvores (4,5). Num encontra-se em perigo extremo, já com os "ferrolhos" fechados atrás de si (capítulo 2). Noutro deseja morte para si: "porque melhor me é morrer do que viver" (4,3).

A diferença está em que o capítulo 4 vai marcado pela insatisfação. Ao contrário o capítulo 2. que é o clamor desde a "angústia" (2,3). O capítulo 4 desemboca em crítica a Jonas. O capítulo 2 numa sonora confissão: "Ao Senhor pertence a libertação" (2,10).

O salmo do capítulo 2 incorpora Jonas na tradição dos sofrendores, dos empobrecidos. Desde a "angústia" (2,3), desde as "profundezas" (2,4), desde os "ferrolhos" já fechados (2,7), clamam ao Senhor, na esperança da libertação, apesar de toda dor, apesar de que a "vida já está desfalecida" (2,8). Esta linguagem encontra-se em muitos outros salmos (Sl 120!). Uma vez na angústia, no abismo, nas entranhas de um peixe Jonas recorre à tradição dos sofrendores, para sobreviver.

Chama a atenção que através de sua oração Jonas aproxima-se muito dos marinheiros. Estes, no final do capítulo 1, eram apresentados como pessoas tementes ao Senhor, oferecendo sacrifícios e fazendo promessas. É o que também se pode dizer de Jonas: Ele que se dizia temente ao Senhor (1,9), mas que fazia tudo ao contrário deste temor, mostra-se como um temente através das palavras do salmo, com a ajuda das tradições dos sofrendores e pobres que estão na base das palavras de sua oração. Ele promete sacrifícios no Templo, logo que liberto das garras da angústia. Promete pagar os votos feitos (2,10). De fato, este Jonas da oração desde as entranhas da morte é muito semelhante a um marinheiro! Que surpreendente inversão! Jonas, este hebreu temente, tem marinheiros estrangeiros como seu modelo.

"Os ninivitas creram em Deus"

(capítulo 3)

Este capítulo 3 certamente corre paralelo ao capítulo 1. Lá o cenário era formado pelo navio, aqui pelas ruas da grande cidade de Nínive. Lá os marinheiros foram entendendo de modo cada vez mais profundo o Deus "que fez o mar e a terra", aqui um círculo cada vez maior de pessoas é atingido pela palavra profética. Lá, no final, até marinheiros se tornam hebreus, aqui, no final, até animais "se convertem".

No capítulo 3, a atenção recai, pois, novamente sobre a reação à profecia, sobre quem faz a interpretação da Palavra, não sobre esta ou seu profeta, bem à semelhança do capítulo 1.

O anúncio profético é de poucas palavras. É brevíssimo: "Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída" (3,4). No hebraico, são apenas cinco palavras! Israel jamais teve profeta que fosse tão escasso em palavras! Só cinco!

E não parece que Jonas se dedique com determinação à sua tarefa. Afinal, para percorrer a grande cidade eram necessários "três dias" (3,3). Jonas se dá por satisfeito com um dia (3,4). Durante este percurso ia comunicando seu anúncio, sua ameaça à cidade. Quem fez chegar a profecia ao restante da cidade, obviamente não foi Jonas. Os próprios ninivitas propagaram a profecia. Completaram a obra de Jonas.

De fato, os ninivitas são, para o capítulo 3, bem mais interessantes que o profeta Jonas. E a maioria dos versículos justamente enfoca o povo da grande cidade (3,5-9!).

A população é a primeira a reagir (3,5). Toma posição frente às ameaças proféticas, anunciadas por Jonas. Crê e convoca para o jejum. Isso significa que a reação dos cidadãos é plena e completa. Não é parcial. Realiza tudo o que é necessário.

A atitude do rei (3,6-9) insere-se dentro da reação da população de Nínive. É verdade, as atitudes do soberano recebem um destaque especial em nossa narração. Ocupam quatro versículos (3,6-9)! Mas, apesar disso, o monarca age em meio a seu povo e em continuidade a ele. E não propõe nada de novo. Só reforça o que a população fazia: Crer e jejuar!

Este rei de Nínive em nada se assemelha aos terríveis e sanguinários imperadores assírios, que no 8o. e no 7o. séculos tinham nesta cidade uma de suas residências. Estes eram poucos dados a conversões e jejuns (Naum 2-3!). Assemelha-se muito antes aos imperadores persas, estes sim capazes de alguns arremedos religiosos (Isaías 45; Esdras 6,3-4). Aproxima-se a certas expectativas messiânicas dos tempos do livro de Jonas. Lembremo-nos estar em torno do ano 400 a.C.

Enfim, população, monarca e até animais crêem e convertem-se. A conversão assume, aqui, grande dimensão ética, como o ressalta o versículo final (3,10): "se converteram de seu mau caminho". Não está dito expressamente que "maus caminhos" são estes. À luz da tradição profética dir-se-á que opressão e justiça perfazem estes "maus caminhos". Em todo caso, não se trata apenas de conversão ética. Trata-se também da conversão ao Deus de Jonas: "creram em Deus" (3,5). Os ninivitas aderem por completo à religião do profeta, ainda que este não se dedique muito à sua tarefa de profetizar, de evangelizar: Gasta cinco palavras em um só dia!

De fato, os ninivitas são os hermenutas da profecia! São eles - pagãos, estrangeiros, moradores dessa terrível cidade (Naum 2-3) - os que des-cobrem, des-vendam o sentido real e vital da "palavra do Senhor" (1,1). Oh, Jonas, que há contigo? Acorda!

"E eu não terei pena de Nínive, a grande cidade?"

(capítulo 4)

No capítulo 4, Jonas volta a ser um personagem importante, como no capítulo 2. Estes dois capítulos são, de fato, paralelos. Em ambos, Jonas fala bastante.

Contudo, no capítulo 2. Jonas fora porta-voz da tradição, particularmente de sofreadores e empobrecidos. Nas "entranhas do peixe", se aliara aos que costumam ter que viver com "os ferrolhos fechados atrás de si" (2,7), os pobres.

No capítulo 4, Jonas é "outro". Aqui não está na tradição dos pobres. Representa a mentalidade dos senhores do Templo e dos donos da interpretação da lei. É como se fosse um destes que, desde Jerusalém e seu templo, controlavam o povo de Deus, por volta do ano 400 a.C. Jonas se parece a um destes senhores, sentados a parte, observando de cima, descontentes com o andamento da história: desgostosos e irados (4,1). Sua irritação deve-se à demora da irrupção da ira divina contra os pagãos. Estão irados porque "Deus é clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade" (4,2). Esta gente dos altos escalões religiosos de Jerusalém havia se apartado de tudo e todos (em especial após as reformas de Esdras e Neemias, por volta de 450 a.C.). Foram tendendo a reduzir a atuação de Deus na história à sua ação a partir da Lei e do Templo de Jerusalém. Sua diretriz poderá ter sido mais ou menos a seguinte: A misericórdia de Deus para nós, seu juízo contra os outros, os que não seguem a lei.

É com este "Jonas" que o capítulo 4 discute. Aliás, o livro todo questiona este "Jonas" irado com Deus e voltado a seus próprios interesses. E aí o capítulo 4 ocupa um lugar todo especial. Nele temos o ponto alto da polêmica contra este "Jonas".

Neste sentido, é interessante que a característica deste capítulo é a da decidida contraposição entre Jonas e Deus. No início, esta contraposição se dá no âmbito da oração (4,2-4). Jonas queixa-se a Deus, por ser ele tão misericordioso. E, por isso, pede para si a morte (4,2-3). Que ironia! A bondade de Deus torna-se insuportável para Jonas! Prefere a morte à bondade! Isso é possível?!

Depois a contraposição é enfocada no nível das ações. É o que marca boa parte dos versículos: 4,5-8 (veja também 4,1). Deus e Jonas agem de modo completamente diferente. Jonas sai da cidade e toma posição de expectador, obviamente a espera do juízo que haveria de destruir a grande cidade (4,5). Deus faz crescer uma planta para livrar seu profeta do desconforto do sol (4,6). E Jonas, enfim, se alegra (4,6). Que alívio: Este profeta fujão, um tanto preguiçoso e bastante raivoso, também sabe alegrar-se. Esta é a sua chance. Saber alegrar-se com a sombra das plantas! Mas, logo, destrói a planta, não em quarenta dias, mas em poucas horas, pela fúria dos ventos orientais (4,7-8). E lá está outra vez nosso Jonas a pedir a morte: "Melhor me é morrer do que viver" (4,8).

A confrontação final ocorre no nível da discussão, da argumentação (4,8-10). É razoável essa tua ira?" (4,9, veja 4,4). Deus questiona Jonas a partir da experiência que acabara de ter com a planta. O profeta se compadecera da planta que murchara. À semelhança Deus não haveria "de ter compaixão da grande cidade"? A história termina com esta pergunta. A resposta é óbvia. A postura de Jonas, dessa gente cheia de si em torno do Templo e lei, está desautorizada. Os caminhos do Deus "que fez o mar e a terra" são outros.

Justamente este último capítulo, com suas contraposições e sua veia argumentativa, mostra o quanto o livro de Jonas é obra dos sábios. Jonas é profecia relida à luz da sabedoria. A voz profética toma novo fôlego, nestes tempos pós-exílios, nesta interpretação dos sábios, estes irrequietos questionadores dos senhores de Jerusalém que achavam tão gostoso acomodar-se ao Templo e à lei.

Este jeito dos sábios, esta maneira cheia de ironia e de jeitosa técnica narrativa, não combate o senhorio de frente. Não vai à luta em campo aberto. Antes trata de ir esvaziando a força dos senhores do jeito do cupim: Por debaixo, mas sempre ...

Outras surpresas mais

Destaquei algumas das surpresas desse nosso livrinho. Muitas outras ficaram cobertas. Convidam para novas leituras. Jonas é um livro aberto para muitas novidades.

Seria interessante dar mais atenção à sutil e eficiente ironia de que Jonas, passo a passo, é "vítima". Existe aí uma ironia que liberta. Não é acaso que a chance de conversão para Jonas parece passar por aquele seu momento de alegria debaixo da planta que Deus fez crescer.

Nestes capítulos, a experiência com Deus é algo realmente muito novo, inusitado. Aqui Deus não é nenhum conceito ou esquema fechado. Acontece na forma de experiências com novos horizontes.

Poder-se-ia destacar ainda mais, que justamente marinheiros e ninivitas são os que realizam sacrifícios, votos e jejuns. Em torno de 400 à.C., isso certamente fazia parte das práticas usuais em Jerusalém. Surpreende que, em Jonas, um navio e as movimentadas ruas da grande cidade sejam os locais de sacrifícios, promessas, jejuns.

Há mais surpresas...

(Anotações sobre o livro de Jonas com vistas ao Dia da Bíblia de 1991 sob o tema da "Evangelificação")

Milton Schwantes
Rua Faria de Lemos, 84
07090 - Guarulhos - SP
Brasil

Milton Schwantes é pastor luterano em Guarulhos/SP, professor no Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI.